

19/08/2017 - 11H44 - ATUALIZADA ÀS 11H44 - POR AGÊNCIA O GLOBO

Bancos estão entre os setores que mais demitiram no ano

Com foco nos canais digitais, foram eliminadas 10.752 vagas.
Mas lucros não param de subir



AGÊNCIA BANCÁRIA ; BANCO DO BRASIL ; CORRENTISTAS UTILIZAM SERVIÇOS EM BANCOS ; BB ; SERVIÇOS BANCÁRIOS ; ATENDIMENTO BANCÁRIO ; (FOTO: ELZA FIÚZA/AGÊNCIA BRASIL)

Mesmo mantendo lucros bilionários, os bancos estão entre os cinco setores da economia que mais demitiram este ano. Com foco cada vez maior nos canais digitais e agências mais enxutas, só no primeiro semestre, as instituições financeiras do país fecharam 10.752 postos de trabalho, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), aponta análise do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Trata-se de um aumento de 53,6% na comparação com o mesmo período de 2016.

Para a economista Ione Amorim, do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), as transações digitais são uma tendência irreversível, mas existe uma parcela da população que ainda não tem acesso aos canais digitais.

— Nos grandes centros, os canais digitais estão mais acessíveis. Mas há uma boa parcela da população, principalmente em cidades pequenas e regiões mais remotas do país, que não tem acesso à tecnologia. Com menos agências físicas, isso gera filas e demora no atendimento — diz a economista, lembrando que, entre as principais reclamações feitas no Banco Central contra os bancos, está o mau atendimento em agências.

O setor financeiro ficou em quinto lugar entre os setores da economia que mais fecharam vagas (0,96%) este ano, de acordo com ranking elaborado pelo Dieese, atrás apenas das áreas de papel e

gráfica (1,01%), construção civil (1,55%), comércio varejista (1,58%) e mineração (2,23%). São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro foram os estados mais atingidos pelos cortes.

Fusões e demissões voluntárias

Na Caixa Econômica Federal, um Programa de Demissão Voluntária (PDV) deve desligar quase 7 mil funcionários este ano. No Bradesco, pela primeira vez na história da instituição, foi aberto um PDV que deve atingir 5 mil funcionários. O motivo, segundo especialistas, foi a compra do HSBC Brasil, que incorporou mais 20 mil empregados. Em março, a instituição tinha 106,6 mil funcionários. O Bradesco não comenta seu PDV.

— Os bancos estão reduzindo seu pessoal para melhorar eficiência. Com esses programas, eles buscam redução de custos, num cenário de incertezas da economia e queda de juros. Tudo isso é possível graças ao avanço da tecnologia — afirma João Augusto Salles, analista de bancos da consultoria Lopes Filho Associados.

A técnica do Dieese Bárbara Vallejos diz que o primeiro semestre de 2017 foi o pior em termos de fechamento de vagas do setor bancário desde 2009.

— E, em 2017, vai ser pior. Com a reforma trabalhista, a chance de contratos formais serem substituídos por outros tipos de contratos aumenta muito. O número de pessoas jurídicas (PJs) vai crescer, sem contar os programas de demissão voluntária que ainda podem ser anunciados — prevê Vallejos, lembrando que a categoria tem, atualmente, 500 mil trabalhadores.

Procurados, Itaú Unibanco, Santander e Banco do Brasil informaram que não têm planos de abrir programas de demissão voluntária neste momento. Procurada, a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) informou em nota que “apenas cada banco pode comentar sobre seus respectivos PDVs.”

— Mas é bom lembrar que, diferentemente dos outros segmentos afetados pela crise, os bancos passam ao largo da crise, sempre aumentando a margem de lucro — lembra a técnica do Dieese.

Os balanços mostram que os bancos elevaram os ganhos no segundo trimestre do ano, em relação ao primeiro. Considerando Bradesco, Itaú Unibanco, Santander e Banco do Brasil, a cifra alcançou R\$ 15,7 bilhões entre abril e junho. No primeiro trimestre, o lucro dessas quatro instituições chegou a R\$ 14,97 bilhões.

Este movimento de enxugamento de pessoal ocorre num momento em que as agências físicas estão encolhendo e se transformando numa espécie de balcão de negócios. Hoje, os clientes avançam na utilização dos canais digitais (seja via celular, computador ou caixas eletrônicos) para realizar suas operações. Segundo dados da Febraban, na média, 56% das transações bancárias já são feitas por canais digitais.

Custo mais baixo das operações digitais

— Já não são mais abertas agências gigantes, com 20 caixas. Hoje, elas são espaços pequenos, em que o cliente encontra o gerente para fazer negócios — diz Sales, da Lopes Filho Advogados.

O analista da **Austin Rating Luis Miguel Santacreu** lembra que o custo das transações digitais é muito mais baixo que uma operação na boca do caixa. Além disso, há também uma tendência de concentração bancária, gerada por compras e fusões, como no caso do Bradesco, que adquiriu o HSBC Brasil.

— Cada vez que um banco compra outro, há a promessa de não demitir. Mas logo começam a aparecer as sobreposições de funções e agências. E as demissões acontecem — ressalta **Santacreu**.